

MEDICALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DO COMPORTAMENTO: A (RE)INVENÇÃO DE UMA ESCOLA POSSÍVEL PELAS MICROPOLÍTICAS DO COTIDIANO

Matheus Modesto de Azevedo
Professor do Ens. Fundamental I – Secr. Municipal de Educação de Miracema RJ
matheusmodestodeazevedo@hotmail.com

Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas
Comunicação Oral

Resumo: A escola enquanto um lugar de encontro com as diferenças é, por vezes, cenário de constantes tensionamentos e/ou mesmo inquietudes, que sendo algo inerente àquele espaço ressalta a complexidade do lidar. Esse ensaio tem seu amago a reflexão acerca da medicalização da aprendizagem e do comportamento, que, por vezes, tem ponto de partida nas queixas escolares que encaminhadas para a área da saúde veem na medicalização a forma de solucionar as diversas problemáticas. As análises críticas empreendidas nesse ensaio contribuíram para entendermos a medicalização enquanto um processo perverso e que tem por vezes se naturalizado entre a sociedade, e em específico no contexto escolar. A partir de um Estudo de Caso, em uma situação de enfrentamento a uma criança com dificuldade de aprendizado e de comportamento “complicado”, buscamos pelas micropolíticas do cotidiano que enxergam a vida para além de uma visão patologizante, mas enquanto potência, construir nos tramas das complexas relações que se travavam o estabelecimento em encontros desmedicalizantes que puderem colaborar na (re)invenção de uma escola possível. Os autores como: DELEUZE; GUATTARI (2012), DELEUZE (2013), FOUCAULT (1983), FOUCAULT (2004), MOYSÉS (2008), MOYSÉS E COLLARES (2010, 2011) e GOODE E HATT (1973), no percurso metodológico e teórico que esse trabalho se desenhou, foram os principais aportes teóricos, que na investigação sistemática, bem como também na interpretação da realidade conduziram esse afim de construí-lo com o rigor que a pesquisa exigia. Como resultado, enxergamos o papel docente fundamentalmente como o grande agente que nas tessituras micropolíticas do cotidiano tem a possibilidade de dar a educação de crianças diferentes - pelo comportamento ou aprendizado - lugar de protagonistas de suas vidas em suas singularidades e na construção de uma escola que produz saúde, vida e esperança.

Palavras-Chave: Medicalização da Educação. Escola Possível. Micropolíticas

Introdução

"O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente - ele falou:
Só que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o araquã.
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio de suspensórios e ademanes.
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam caranguejos.
E era mesma a distância entre as rãs e a relva.
A gente brincava com terra.
O doutor apareceu. Disse: Precisam tomar anquilostomina.
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.
O doutor espantou as rolinhas."
(Manoel de Barros - Livro sobre nada)

Diversos trabalhos científicos demonstram um aumento considerável de queixas e encaminhamentos escolares de crianças para núcleos de atendimento especializados, que carregam consigo como suposta justificativa para essas situações a dificuldade de aprendizado. (BRENELLI, 2014). Entretanto, existe uma face oposta de estudos relacionados a esse mesmo tema, que argumentam que uma parte substancial desses encaminhamentos são caracterizam nenhum distúrbio de aprendizagem. (Tiosso, 1989; Corsini, 1998).

A partir de encaminhamentos à área da saúde de crianças em idade escolar e que trazem a escola tensionamentos, tem sido comum a inclinação para a questão da medicalização como mecanismo de resolução para tais “problemas”.

Inicialmente, cabe-nos ressaltar o caráter crescente não apenas dos encaminhamentos para o campo da saúde demandados pela área educacional, bem como a consequente medicalização de crianças, Sanches (2014; 507), nos elucida quanto a isso quando afirma:

Atualmente, é crescente o encaminhamento de crianças aos serviços de saúde mental com demandas sociais, e é crescente, também, o consumo de psicofármacos pela população infantil, trazendo as indústrias farmacêuticas para o cenário da medicalização.

Esse trabalho, traz à tona uma realidade que tem se naturalizado no cotidiano social, e nesse caso escolar, a progressiva avalanche de laudos e diagnósticos que

trazem como modo de superação da problemática envolta a medicalização. Assim, a vida humana desde seus primeiros anos torna-se alvo desse processo, num simples passo de transformar uma situação de tensão em algo patológico.

A medicalização por ser algo que atravessa a sociedade em diversas esferas: trabalho, família, escola e as urgências da vida, pode colocar-nos em um lugar de pensamento crítico acerca deste, uma vez que somos diuturnamente alvos direta ou indiretamente. Medicalização, portanto, tem relação com todas as pessoas, no entanto, medicação, não! A medicação é uma atividade em que médicos a fazem, por serem e terem competência para tal.

É necessário levantar alguns questionamentos afim de compor um campo que nos auxilie na reflexão do tema que tratamos nesse ensaio. Não obstante tantas formas que discursam favoráveis à necessidade de medicar crianças com dificuldades de aprendizado e de comportamento, ressaltamos a urgência de responsabilidade frente a vida de diversas crianças saudáveis, com inúmeras potencializadas e que tem sido comumente silenciadas na escola, e de forma insistentes taxadas com estigmas que carregarão durante a vida. Cabe então pensarmos: Quem não aprende na escola precisa de medicamentos para aprender? Quem não se comporta na escola precisa de medicamento para se comportar? Esses medicamentos trazem benefícios a saúde das crianças?

Tratando de pensar a base conceitual da medicalização, Moysés (2008) esclarece que esta é fruto do processo que transformam questões de diversas ordens: sociais, históricas, econômicas, humanas em biológicas. Assim, aplicam-se à vida concepções que embasam o determinismo biológico, tudo sendo reduzido ao mundo da natureza. Ou seja, a medicalização se de um lado desfoca problemas coletivos em individuais, de outro ela capta tudo que fora construído pelo mundo do Homem e transforma em naturais, de modo que assuma discursos como: “é natural que exista a pobreza” “ é natural que não se aprenda”

Pois bem, Moysés (2001) ressalta que a afirmação de que uma criança não aprende por incapacidade individual ou orgânica estabelece processos de estigmatização do sujeito, que por sua vez, é submetido às estratégias médicas, mas também políticas de sujeição, tutela e controle que são construídos pelos discursos psiquiátricos, e são pautados também por intervenção de grandes indústrias farmacêuticas. A incapacidade que o sujeito logra ao receber o estigma de “portador de uma doença” delimita suas esperanças, pois “preso em uma doença que não existe”, mas de forma compulsória introjetada em si e naturalizada, o mesmo, como Moysés (2001, p. 21) coloca, passa a ser “confinado em uma instituição invisível, sem paredes e virtual”.

A medicina é um campo que por vezes assume a competência de ditar normas sobre a vida, sendo assim é um campo de grande hegemonia social. Foucault (2004) assinala que o discurso médico é produtor de verdades, discursos e práticas que seduzem os indivíduos a assumirem específicas formas de viver, pensar e comportar.

A escola sendo também uma instituição que por base regras e regimes, trata de configurar modelos de homem e um espaço de regulação, desse modo, Foucault (1983) faz enxergarmos então a escola como instituição total, um espaço de produção de saber que vigora o dispositivo disciplinar.

A escola contemporânea subsidiada pela visão clínica enquanto um paradigma que tem a funcionalidade de reajustar, encontra na medicina lócus para tentar resolver queixas escolares. De maneira incisiva observamos a conversão da escola de um lugar de produção de conhecimento em um espaço que produz patologias.

Pelos corredores escolares estão soltos nomenclaturas como: Transtorno Opositor Desafiador, Dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Discalculia e outros... Da criança mais quieta a mais dinâmica há indícios que se enquadrem dentro desses transtornos... No entanto, Moyses e Collares (2010) cientes de uma lógica social instituída que se mantém disciplinar e homogênea

ênfatizam tais rotulações como questionáveis dando a entender que estamos vivendo a “era dos transtornos” e/ou “criação de mitos”.

A medicalização educacional tem sua finalidade alicerçada na “culpabilização da vítima e na manutenção de um sistema educacional perverso, com alta eficiência ideológica” (COLLARES e MOYSÉS, p. 30, 1994). Medicalização enquanto um instrumento ideológico serve a um modelo de sociedade que se quer legítimo, por isso o fracasso escolar a ela aliada, de maneira estratégica constitui potência para a lógica que naturaliza as relações de desigualdade na sociedade.

Moysés e Collares (1994) afirmam que antes a desnutrição era a grande responsável pelo fracasso escolar, ou seja, voltado para a condição social: “não aprende porque é desnutrida”. A mudança temporal trouxe nossas justificativas para uma outra questão, uma vez que a anterior tornou-se superada, hoje o não-aprender está religiosamente firmado em argumentos que tem relação com a moda contemporânea: “ não aprende porque é disléxico”, ou “ não aprende porque é descálculo”.

Para além das teses que argumentam a existência de diversos transtornos ligados à uma razão neurobiológica, há aqueles que colocam esses transtornos como questionáveis, sobretudo o TDAH, podemos então, considerais tais transtornos como supostos uma vez que “[...] jamais foi comprovada e é intensamente criticada no interior do próprio campo médico” (MOYSÉS; COLLARES, 2010, p. 72).

Situações de enfrentamento com o complexo no contexto da sala de aula requer muitos debates e surgimentos de práticas que superem os desafios inerentes à escola. Esse ensaio se vale das micropolíticas numa tentativa de reinvenção do cotidiano.

“Tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 99). A política em nível macro fundamenta grande parte de nossas vidas e tem importância primaz no exercício de necessidades que o ser social demanda e tornou-se concreto de forma

positivada. A micropolíticas dão base a esse trabalho sobretudo na transformação da sala de aula regular, que pela responsabilidade docente traça um horizonte de esperança na realidade de um sujeito estigmatizado. Nas tessituras do cotidiano escolar, e em particular na sala de aula, as micropolíticas constituem tramas de significativas potências, desconstruindo com caminhos patológicos do aprender e do se comportar, com a finalidade de recuperar a inteireza do ser humano em sua dignidade e qualidade de vida.

Micropolíticas são caminhos de uma nova possibilidade de mundo, micropolíticas são: "...microgestos, micropercepções, de uma relação mais afectiva." (SCHNEIDER, 2014 p.38). Se portanto há políticas em nível macro, que tem validade no mundo, mas que por vezes expressam limitações e até mesmo excessos e que são partículas de um modelo social distante da humanização, há que se ressaltar a urgência das micropolíticas para a crença da esperança no mundo e acreditar no mundo, "...significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos." (DELEUZE, 2013 p. 222).

A educação inclusiva enquanto um novo paradigma, deve ser um lugar comum, onde diversidade seja contribuidora da aprendizagem, servindo de alicerce para uma sociedade menos excludente. Se portanto, há pedagogias que geram e fazem a manutenção de caminhos contrários a inclusão, é urgente uma escola que enxerga nas diferenças espaço mediador e promotor do diálogo (RODRIGUES, 2013).

Referencial Teórico

O crescimento vertiginoso de encaminhamentos crianças para serviços de saúde e conseqüente tratamento pela medicalização é trabalhado em Sanches (2014) afim de elucidar quanto a necessidade de reflexão crítica acerca dessa temática.

Nesse sentido, Moysés (2008) trazendo uma base conceitual sobre a medicalização nos insere num campo de compreensão dos mecanismos cruéis que estão por detrás de um processo progressivo e perverso, a medicalização não é apenas “aplicar um remédio sobre um sujeito”, é esconder uma problemática maior que envolve o mundo administrando sobre a vida a justificativa para tal realização. De modo que se o indivíduo não aprende ou não se comporta é uma condição patológica e que necessita tratar. A autora Moysés (2001), levanta interlocuções de questionamento acerca das “doenças” que envolvam o aprendizado e o comportamento, como uma incapacidade individual ou orgânica, a mesma entende que há implicações estrategicamente políticas de submissão e controle que tem nas indústrias farmacêuticas impulso para uma efetiva consolidação.

O pensamento de Foucault (2004), afirma a colocação supracitada, quando verifica na medicina um instrumento de controlar a vida e as relações sociais que se quer modelares, fazendo com que indivíduos assumam formas específicas de viver, pensar e comportar. Enxergando a escola, como uma instituição total, observamos claramente em Foucault (1983) uma instituição que a partir da produção de saber tem caráter imperativamente disciplinar, sendo assim um lugar de regulação.

A escola abrigando um paradigma disciplinar e clínico, tem fissura pela anormalidade, afim de ajustá-la para trazer normalidade ao seu contexto. Os diversos transtornos que eclodem na escola são adjetivados por Moysés e Collares (2010) como “era dos transtornos” e/ou “criação de mitos”. Moysés e Collares. MOYSÉS; COLLARES, (2010, p 72) salientam que sobretudo em relação ao TDAH não existe comprovação e há até uma intensa crítica no campo médico sobre sua existência.

As micropolíticas como referencial teórico relevante nesse trabalho asseguram em Deleuze; Guattari (2012) e Deleuze (2013) afim de analisar as complexas relações do cotidiano escolar e a postura consciente docente que nessas tessituras produzem reflexão, mas sobretudo ação, defrontando com a impossibilidade de

mobilização e construindo caminhos, ainda que pequenos, mas que são relações que escapem o controle e produzem novas “formas de fazer”

Objetivos

O presente trabalho analisa ,a partir de um Estudo de Caso com uma criança com dificuldade de aprendizagem proeminente e de comportamento “difícil”, a desconstrução de caminhos medicalizantes da aprendizagem e do comportamento pelas práticas micropolíticas do cotidiano que recuperam a dimensão pedagógica no contexto da sala de aula do ensino regular.

Metodologia

Incorporado em uma proposta de pesquisa qualitativa, esse trabalho caracterizou-se como um Estudo de Caso, que de modo geral, explica-se por ser um estudo de um objeto com mais profundidade, e que torna possível de forma ampla e com riquezas de detalhes o conhecimento ligado ao fenômeno a ser investigado, sendo um exercício difícil e impossível, se alicerçado em outros métodos de exploração, como afirmam Goode e Hatt (1973).

Os autores supracitados, ressalta o caráter do Estudo de Caso como um instrumento de dispor de dados e organizar informações, em números e detalhes tanto possíveis, por isso é capaz de guardar seu caráter unitário.

Esse trabalho teve seu desenvolvimento numa escola pública de ensino regular, de uma cidade do interior do Estado de Rio de Janeiro, tendo Enzo (nome fictício) como a criança que é foco de nossos estudos. O professor da classe tem seu primeiro contato com o aluno no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental (1º segmento), dessa forma, essa criança estava no início de seu processo de alfabetização.

Desenvolvimento

Desde a entrada de Enzo na classe de alfabetização, expressava ser uma criança de comportamento bastante “difícil”. Era considerada um desses alunos que desafiavam, mantinham uma personalidade forte diante de inúmeras situações diárias na escola. Além disso era um aluno possuía uma dificuldade de aprendizagem significativa, em relação aos demais colegas e o nível que a turma se encontrava.

Por inúmeras vezes, Enzo era chamado atenção e os pais eram convocados a escola afim de uma tentativa de sanar tais inquietações.

Certo dia, a mãe espontaneamente fora a escola para conversar com o professor com o seguinte relato:

- Professor, tenho observado e acompanhado Enzo e sei como a situação dele é complicada, “o menino” que não para e tem ficado sem aprender muita coisa, ele não está lendo.

O professor assegurou-se no discurso da mãe para também mostrar o quão séria estava a situação, uma vez que grande parte da turma estava dominando a leitura/escrita e avançando para as aquisições daquele nível de escolaridade. A mãe demonstrando desespero e cansaço com a situação traz como solução a possibilidade de encaminhamento do aluno para a área da saúde, com a seguinte narrativa:

- Professor, o senhor não acha melhor eu levar Enzo na psicóloga, no psiquiatra pra ver se tem alguma coisa não? Eu “tô” achando que Enzo deveria tomar um remédio pra ficar mais calmo e realizar as tarefas e assim aprender.

Muito afetado por essa fala da mãe que ainda insistiu na necessidade de intervenção médica para uma solução frente ao complexo que envolvia Enzo, o professor questionando sua colocação, orientou uma tentativa de outras relações que não se dessem pelo viés da medicação.

Esse enredo possui implicações ainda maiores e que poderia se estender, tamanho volume de documentos levantados pelo pesquisador, mas nos atentaremos às partes mais relevantes e significativas.

Numa busca de fuga dos processos medicalizantes que trariam àquela criança, pra muito além do remédio, o rótulo de doente e consequente isenção de responsabilidade de todas as esferas envolvidas, era necessário um repensar para a transformação e (re)invenção de uma escola possível.

O professor regente operava com instrumentos muito escassos, mas como armas que trariam possíveis benefícios a Enzo, e de modo geral à sala de aula que também era comprometida com confusões, interrupções e bagunças que Enzo provocava. A partir dessas implicações, o professor primeiramente trouxe o aluno para mais próximo de si, a proximidade significou não apenas mais intimidade com o professor mas, mais responsabilidade, uma vez que todo aluno que estava mais próximo servia de ajudante nas necessidades pequenas, no entanto, parte da rotina.

Um ponto de extrema importância foi o estabelecimento de vínculo com a família desse aluno, que prontamente e positivamente atendia à escola em suas solicitações, sempre viabilizando as orientações.

A mudança metodológica de ensino surtiu em grande parte da aprendizagem um espaço de sentido para aquela criança, de modo inicial o professor transformava as atividades diárias com adaptações que ia de encontro ao nível do aluno, e posteriormente com uma sistematização fônica.

Além da proximidade com o professor, Enzo lograva de um colega de turma que o auxiliava, sendo um aluno-mediador, funcionando com um intermédio nas proposições colocadas em atividades programáticas.

A equipe pedagógica e de gestão da escola sempre se manteve atenta e imersa à condição que o aluno se encontrava, sendo um motor que dava força ao trabalho que acontecia de modo mais intenso na sala de aula. Indicava, produzia

e fazia aquisições de materiais que facilitaram grandemente a passagem de Enzo de um lugar obscuro a um lugar de significados.

As mudanças ocorridas na sala de aula afim de dar a aprender a um sujeito diferente o fez conhecer-se e enxergar-se potente antes os desafios próprios do aprendizado, mas sobretudo, o fez protagonista de sua história.

Conclusões

O aprendizado e o comportamento são partículas da subjetividade humana, em um mundo com quase 8 bilhões de pessoas, certamente a única característica que será comum a todos/as é indubitavelmente a diversidade, de pensar, sentir, agir, ser.... Com essa lógica asseguramos que a multiplicidade parte da vida humana necessita ser enxergada como riqueza e não como patologia.

Enzo era um ser que fugia a realidade da escola, bem como tantos outros, simplesmente por ser fora de um padrão que se espera: aprender no tempo determinado, ficar sentado quatro horas, não questionar, realizar tarefas.

As queixas escolares e encaminhamentos à saúde que operam numa visão clínica, não conseguem considerar a vida e a diferença de forma saudáveis, mas buscam rótulos que terão efeitos não apenas no processo de escolarização de sujeitos como Enzo, bem como durante toda a sua vida.

Transformar uma criança diferente em “criança com tdah”, “criança disléxica”, “criança discálcula”, “criança autista” é estar a serviço de uma sociedade que exclui a todos que destoam de seus caprichos e são desinteressantes pra um sistema dotado de interesses e estratégias que senão a produção de vida, saúde e esperança.

As micropolíticas da sala de aula traçaram novos rumos à vida escolar de Enzo, tratando de construir uma escola possível pelas vias desmedicalizantes da aprendizagem e do comportamento, que descontroem estigmas, e se vale das

atitudes pequenas para inclusão em educação, Azevedo (2018) nos ajuda a compreender parte disso quando ressalta que:

As micropolíticas na desconstrução de estigmas são fundamentais para a construção de uma escola aberta a diversidade, ou seja, uma escola inclusiva. Incluir é sinônimo de tornar o outro protagonista de sua história, não devemos esperar a criação de uma grande política pública para efetivar a inclusão dos diferentes na escola, inclusão é caminho, é aprendizagem e muito trabalho, por isso se envia nas tramas micropolíticas do cotidiano. (Azevedo, 2018, p. 7)

Referências

AZEVEDO, Matheus Modesto de. **“Eu não consigo, professor!”: a desconstrução do estigma pelas micropolíticas do cotidiano para a inclusão em educação** In: V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão. CEDUCE, 2018, Niterói-RJ. Anais (on-line) Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD4_SA_16_ID1_393_28092016004203.pdf. Acesso em 7 de jun. 2018.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004.

BRENELLI, Rosely. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. UNICAMP: Campinas, 2004. GOODE, W.; HATT, P. Métodos em pesquisa social. São Paulo, SP: Nacional, 1973.

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A Transformação do Espaço Pedagógico e Espaço Clínico (A Patologização da Educação)**. Séries Ideias nº 23, São Paulo: FDE, 1994

CORSINI, C. F. (1998). **Dificuldade de aprendizagem: representações sociais de professores e alunos**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Puccamp.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Controle e Devir**. In: _____. Conversações. 3. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 213-222.

FOUCAULT, M. (1983). **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, M. (2004). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro:Graal

GOODE, W., & HATT, P. (1973). **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**/ Maria Teresa Eglér Mantoan, Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, organizadora. – São Paulo: Summus, 2006. – (pontos e contrapontos)

MOYSÉS, M. A. A. **A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Medicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e as Políticas de Formação Docente: A medicalização do não-aprender-na-escola e a invenção da infância anormal**. Caxambu – MG, 31ª Reunião Anual da ANPED, 2008. Disponível em: http://31reuniao.anped.org.br/4sessao_especial/se%20-%2012%20-%20maria%20aparecida%20affonso%20moyses%20-%20participante.pdf. Acesso em: 08/07/15.

MOYSÉS, M. A. A. & COLLARES, C. A. L. **Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica**. In Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). **Medicalização de Crianças e Adolescentes - conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. **Reflexões em torna do Sentido da Docência Frente à Diversidade na Escola Pública do Século XXI**. In: ANDRADE, Everaldo Paiva de. (Org.) A formação de professores pela mão dos formadores: política, currículo e cotidiano nas licenciaturas da UFF. 01 ed.: Niterói: EDUFF, 2013, v., p. 56-72.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal and AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental**. *Saúde debate* [online]. 2014, vol.38, n.102, pp.506-514. ISSN 0103-1104.

SCHNEIDER, D.C **Micropolítica e pedagogia menor: desdobramentos conceituais para se pensar a educação pelas vias da experimentação**. *Travessias* (UNIOESTE. Online) , v. 08, p. 28-41, 2014.

TIOSSO, L. H. **Dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita: uma visão multidisciplinar**. Tese de Doutorado. IP: São Paulo, 1989.